

A circulação do conhecimento e a construção das CICs (Ciências da Informação e Comunicação) na França¹

The circulation of knowledge and the construction of the Information and Communication Sciences in France

Bernard Miège

Bernard.Miege@u-grenoble3.fr

Professor Emérito da Université Grenoble Alpes – Gresec.

Resumo

Este artigo reflete sobre a constituição do campo da comunicação e informação na França, pensando-a como inscrita no processo de circulação do saber. Em especial, formula proposições e questões relativas ao trânsito do interdisciplinar para a construção de um espaço disciplinar. Localiza, em linhas gerais, esta experiência francesa perante outras configurações fora da França. Mas, principalmente, busca identificar essas configurações nos processos de trocas com as ciências sociais, as ciências da linguagem e humanidades, num contexto de transformação da cena midiática, articulada com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação.

Palavras-chave: circulação, interdisciplinar, disciplinar, campo acadêmico, saber comunicacional.

Abstract

This paper reflects on the constitution of the communication and information field in France, seeing it as inserted in the process of the circulation of knowledge. Especially, it formulates propositions and raises questions related to the passage from the interdisciplinary to the construction of a disciplinary space. It situates, in general lines, this French experience vis-à-vis other configurations outside France. But it mainly seeks to identify these configurations in the processes of exchange with the social sciences, language sciences and humanities in a context of transformation of the media scene, articulated with the development of the information and communication technologies.

Keywords: circulation, interdisciplinary, disciplinary, academic field, communicational knowledge.

Uma abordagem específica

Não sendo nem epistemólogo nem especialista em uma das ciências humanas e sociais instaladas e legitimadas há muito tempo, a minha primeira preocupação não é identificar, na era de uma modernidade de facetas múltiplas

¹ Tradução de Jairo Ferreira, editor da revista *Questões Transversais*. Versão original deste artigo foi publicada em 2012 na França sob o título *La circulation des savoirs et l'édification des SIC*. In: Frédéric DARBELLAY (ed.), *La circulation des savoirs: Interdisciplinarité, concepts nomades, analogies, métaphores, emprunts, migrations, interdisciplinarités*. Bern, Peter Lang, p. 185-202.

e ainda não esclarecidas, os significados das crescentes trocas e convergências mesmo em disciplinas problemáticas. Entendo que devemos considerar a circulação do conhecimento como uma questão por si só, ou em razão da insuficiência das disciplinas estabelecidas para questões sociais em si ou, de modo mais profundo, por causa do surgimento de questões teóricas e práticas, novas ou expressivas, que as disciplinas são incapazes de levar em conta.

Mas as minhas preocupações não se relacionam nem com uma nem com outra destas posições. Comprometido há mais de... 35 anos, mais ou menos conscientemente num primeiro momento, na construção de uma disci-

plina a partir de um conjunto interdisciplinar que deve sua formação a uma série de fatores contingentes, como outros, eu me encontro, ao lado de minhas perspectivas científicas pessoais (a questão das indústrias culturais, a ancoragem da tecnologia da informação e comunicação e as transformações do espaço público), na obrigação de tentar trazer respostas para as perguntas constantemente subjacentes ao progresso das ciências da informação e comunicação, quais sejam:

Do ponto de vista epistemológico, que conceito específico se deve atribuir à informação e à comunicação, consideradas em separado e, especialmente, juntas? E, correspondentemente, em que bases teóricas se devem fundar ou que disciplinas devem ser consideradas, ou as representar, em cooperação e às vezes em oposição às disciplinas que participam há muito tempo das humanidades e ciências sociais?

Ao fazermos isso, é fácil compreender que estaremos face a questões como estas: O que há de específico nesses conceitos e, mais ainda, nas metodologias utilizadas, que nas CICs não são as mesmas de outras disciplinas, como a sociologia, a ciência política, a linguística ou a economia? Como dominar esses empréstimos feitos sem considerar o lugar de origem, essas disciplinas?

Essas questões, é importante adicionar, não só foram abordadas em locais de embates acadêmicos (conferências, jornadas de estudo, revistas, etc.) ou confrontação / negociação intra-acadêmica (reorganização dos currículos de formação, modificações na organização interna das universidades, distribuição de créditos), mas elas acentuaram – e ainda acentuam em parte – aspectos pragmáticos do ensino e da pesquisa (especialmente, mas não apenas, nos mestrados e doutorados).

Estas interrogações dizem respeito à circulação do conhecimento. As combinações interdisciplinares, antes de se constituir gradualmente em disciplinas (este não é o destino de todo e qualquer grupo tentado, porque elementos socioinstitucionais neste processo são tão necessários quanto elementos sociocognitivos), só podem se apoiar em fontes originais das disciplinas disponíveis; observa-se isso para as ciências da linguagem, para a ciência da computação, a matemática aplicada, etc. O que difere nesses novos períodos de emergência é mais ou menos a diversidade e variedade de conhecimento “emprestado” inicialmente, esses *a priori*, tanto nas ciências da computação como nas Ciências da Informação e Comunicação, menos diversificadas na continuidade das disciplinas anteriores (como observado nas ciências da linguagem).

A circulação de saber é, portanto, um fator-chave no longo processo de formação de novas disciplinas, mas a importância que se deve dar a esse processo deve ser relativizada pelas características específicas e únicas destas novas disciplinas, que são variáveis ao longo das etapas. Devemos, portanto, evitar a generalização e reconhecer

a importância de uma abordagem histórica (com as ferramentas e os métodos da história da ciência).

Nesse sentido, sou levado a enfatizar os limites da minha contribuição (como fui levado a fazer em artigos anteriores); não é possível me posicionar fora de minha experiência e de meu “vivido” (ou seja, as responsabilidades que assumi no âmbito da disciplina, local e nacional, para produzir uma análise, pelo menos aceitável, em termos científicos). Minhas proposições são marcadas em profundidade pela situação das CICs na França e, particularmente, pelo reconhecimento oficial das mesmas a partir de 1975, o que também não impediu, depois, momentos de incerteza e mesmo períodos de fortes conflitos. Mas esta originalidade que levou a uma gestão nacional e paritária de carreiras acadêmicas (pelo menos para a lista de habilidades e parcialmente para a promoção) também não é a única; deve-se adicionar a isso a conjunção entre ciência da informação e ciência da comunicação, ao contrário da tradição anglo-saxônica, onde a biblioteconomia funciona à parte, bem como a inclusão da comunicação organizacional (que, nas universidades anglo-saxônicas, é parte das ciências de gestão) e até mesmo a realização audiovisual e multimídia (que não são, em França, um monopólio de escolas de arte e design).

Por sua vez, as universidades americanas (diferentemente no Norte e no Sul), hispânicas, alemãs, italianas, etc. justificam-se em apresentar as suas próprias características específicas, que normalmente são liberadas de momentos históricos identificáveis. Noto também que os nomes das disciplinas não são padronizados e não são convocados a ser. Mas isso não nos impede de destacar este fato essencial: a partir dos anos setenta (e mais cedo em algumas universidades americanas) são desenvolvidos nessas universidades novos processos formativos, em parte profissionalizados, com atividades de investigação associadas, no campo da informação e da comunicação; a maturidade das TICs (tecnologias de informação e comunicação) a partir dos anos noventa lhe deu algum impulso, de sorte que hoje o mapa de tais grupos disciplinares ou interdisciplinares é quase globalizado. E apesar das tentativas e mal-entendidos sempre ressurgentes, as ciências humanas e sociais de informação e comunicação (que é exatamente a questão a que me refiro) não foram fundidas e absorvidas no âmbito do campo definido como ciência e tecnologia, por vezes, chamado CTIC.

Posicionamento relativo à edificação de uma disciplina

As análises espontâneas visam frequentemente à emergência de uma disciplina como um fenômeno “natural”, antes de tudo, participante ou da segmentação (ou algo semelhante à divisão binária) ou da dissidência. Mas

essas visões, se seguimos os historiadores das ciências, são não só simplistas, mas erradas, por várias razões, como no caso das CICs, conforme colocado em evidência por vários pesquisadores (Boure, 2006) e debates (*Questions de Communication*, nº 10, 2006; *Questions de Communication*, nº 11, 2007), que evidenciam suas origens mais ou menos em disciplinas que surgiram durante o século XX. Quatro eixos emergem à reflexão, do que se deve distinguir e interpretar:

- Os primeiros tempos (esta terminologia evita considerar que o processo segue “etapas naturais”) são feitos de questões, conflitos, filiações e caminhos cujos efeitos continuam depois conforme as formas insidiosas mais persistentes (isto porque, entre outras coisas, é importante para ensinar aos novatos a história das disciplinas recentes);
- Essa história intelectual deve estar enraizada não só no longo prazo, mas em seu contexto de produção, onde o social (e, particularmente, o socioinstitucional) geralmente precede o cognitivo – o que não é nada depreciativo, mas certamente implica a utilização de métodos historiográficos, assim como reflexividade, especialmente nas ciências humanas e sociais que se questionam sobre o seu “regime de verdade” (é por isso que, no seu caso, elas tendem a favorecer abusivamente aspectos cognitivos). De qualquer forma, é esse enraizamento na história intelectual que pode explicar em França o distanciamento da literatura e dos estudos de letras, e na Espanha ou na América Latina, de forma diferente, observa-se uma sucessão em relação à sociologia.
- A articulação socioinstitucional e sociocognitiva não ocorre somente durante os primeiros tempos, mas acompanha o funcionamento de uma disciplina durante décadas; isso esclarece também as escolhas e orientações sobre o conteúdo do treinamento, organização acadêmica, a alocação de recursos ou de alianças (internas e externas), negociações, compromissos e polêmicas que marcaram sua investigação e desenvolvimento; nesse sentido, a construção de uma disciplina é um processo contínuo.
- Do ponto de vista cognitivo (incluindo expressões simbólicas que são dadas a ver), apesar dos esforços para fortalecer e consolidar a base teórica das disciplinas – o seu fundo comum – e para afinar sua epistemologia própria, assim como suas reivindicações à cientificidade, deve-se admitir que permaneçam, em parte, heterogêneas, e isso é facilitado pela existência de subdisciplinas e especialidades (o que é observado no caso das CICs).

Sob estas condições, apesar destes elementos estruturantes, de alguma forma, explicamos que estamos, a cada vez, na presença de um caso singular que a história da

disciplina tem a reconstruir. Não só a interdisciplina gradualmente vai se tornando uma disciplina, resultante de uma construção particular, mas continua a ser plural e, especialmente, receptiva ao conhecimento que nasce fora dela, visando operar principalmente em objetos contemporâneos, quando é, portanto, solicitada continuamente a aportar e fornecer respostas às questões colocadas por constantes mudanças, em especial, neste caso, que ocorrem no sistema midiático.

A periodização deste processo singular permanece, essencialmente, a fazer. A sociedade científica mais representativa da disciplina na França, SFSIC (Sociedade Francesa de Ciência da Informação e Comunicação), tentou iniciar essa discussão por ocasião de alguns de seus eventos e conferências, mas não podemos esperar que uma sociedade científica produza uma reflexão que atenda aos critérios exigidos pela pesquisa da história da ciência. E pode ser que as condições não pareçam atualmente realizadas, pois várias outras disciplinas das ciências humanas e sociais também são partes interessadas, mais do que nunca, na informação e comunicação e, por isso, reforçam, ao longo do tempo, suas investigações, precisamente por causa da maturidade das TICs, que estão a aumentar o seu papel em todos os campos sociais através de estratégias de comunicação e informação na sociedade. Segue-se que a circulação do conhecimento já não funciona em apenas uma direção (as disciplinas originais para as CICs) como foi o caso nos primeiros momentos. Agora, as CICs são elas também produtoras de conhecimentos, que são assumidos por outras disciplinas; em outras palavras, conceituações de informação e comunicação disponíveis hoje e que competem em cenas acadêmicas, de especialistas e meios de comunicação, são plurais e muitas vezes contraditórias. São estas diferentes dimensões que agora devem ser consideradas.

Empréstimos metodológicos e conceituais

No início de uma disciplina, com muito mais razão quando se tem a intenção de transgredir as fronteiras entre as disciplinas estabelecidas, para se proteger contra o risco de instrumentalização (a partir de pesquisa de audiência da imprensa e rádio atribuída nos anos quarenta ao neoamericano P. Lazarsfeld, portanto formado no pensamento crítico europeu, até as investigações sobre as novas mídias, é um risco sempre presente ou uma convivência aceita), a tendência é dar, às vezes de forma exagerada, bases teóricas exigentes: quer apresentando-se como a ciência das ciências (sempre tentação recorrente) ou tentando distinguir-se pelo seu objeto, mais do que pelas metodologias às quais recorre, das outras ciências humanas e sociais, em busca de uma maior legitimidade.

Foi durante a campanha presidencial de 1940 nos Estados Unidos que P. Lazarsfeld e seus colegas da Uni-

versidade de Columbia realizaram, após uma amostra representativa dos eleitores em um município do Estado de Nova York, o famoso estudo publicado sob o título de *The People's Choice*. O objetivo foi investigar como a decisão de votar em um determinado candidato está afetada ou não pela “exposição” aos meios de comunicação de massa. Descobriu-se que a exposição à mídia promove o interesse no processo eleitoral, fixação nos candidatos preferenciais ou aquisição de melhores informações apenas para uma minoria, mais volátil, minoria essa sensível à propaganda política, a qual pode levar a orientar sua escolha em um sentido diferente; os eleitores menos informados e mais indecisos são, portanto, os mais “expostos” aos efeitos da mídia. É este “modelo”, desenvolvido a partir de dados empíricos sobre o comportamento eleitoral, ou melhor, sobre as declarações de escolhas eleitorais, que é a fonte de uma série de obras, na virada da sociologia política ao estudo dos efeitos dos meios de comunicação de massa.

As concepções que projetam a comunicação (ou a informação) como um elemento a transgredir as divisões e separações entre as disciplinas científicas no âmbito das ciências da matéria, da vida ou da sociedade encontram-se em correntes de pensamento diferentes: na cibernética, é claro, mas também no estruturalismo e, mais recentemente, em abordagens da complexidade ou o “conexionismo”, e até mesmo algumas filosofias contemporâneas de inspiração pós-moderna e pós-heideggeriana. Como veremos, esta tendência – ou melhor, esta tentação – não só visa ligar áreas distintas do conhecimento que, muitas vezes, se desconhecem, mas tem a intenção de oferecer-lhes um paradigma para a “fertilização” e dar-lhes um sentido. O objetivo é não só lutar contra a extrema especialização do conhecimento considerado estéril, mas oferecer uma perspectiva abrangente que permite uma reinterpretação das abordagens parciais e setoriais com base em exigências impostas a todos.

Os fundadores das atuais CICs (vamos nos ater à situação francesa, porque é impossível traçar um mapa do mundo, mas também é verdade que as tentativas alternativas são menos desiguais do que às vezes é reivindicado) encontram-se em três direções paralelas e por isso não convergentes:

- A abordagem empírico-funcionalista das mídias de massas;
- O modelo cibernético;
- O método estrutural e suas aplicações linguísticas (e mais geralmente as diferentes teorias linguísticas, aplicadas a situações de comunicação social).

A abordagem dos fundadores, sem dúvida, procede do empréstimo ou da transferência. Mas alguns deles, sensíveis às diferenças e até mesmo contradições entre estas três correntes, tentaram até os anos oitenta oferecer o que equivale a uma teoria geral da informação e comuni-

cação (essa perspectiva foi, de maneiras diferentes, a de R. Escarpit e a de A. Moles). Mas essa tentativa de síntese foi abortada, de modo que a maioria dos atuais especialistas em teoria da informação e da comunicação consideram:

- que estas três correntes ainda são uma espécie de conjunto de base (por exemplo, é a esse conjunto que recorreremos espontaneamente quando abordamos a questão em um país onde emerge a disciplina);
- que esta base tem sido profundamente enriquecida pela década de 1980 com uma série de novas abordagens: a pragmática, a sociologia da cultura, dos usos, teoria dos meios, da interação social e da técnica, trabalhos sobre o discurso e recepção, estudos sobre mediações sociais e espaço público.

Isto significa que a perspectiva se encaixa majoritariamente dentro do que chamei de “problemáticas transversais e parciais”, embora ressurgam aqui e ali projetos de ambição geral (por exemplo, a mediologia realizada pelo filósofo-escritor R. Debray, ou, em alguns aspectos, os estudos culturais).

E, ao mesmo tempo, acadêmicos dentro das CICs (pelo menos uma parte significativa delas) multiplicaram programas de investigação, equipes de investigação, conferências, reuniões internacionais, programas de doutoramento, encontros para jovens investigadores, revistas e publicações, com, geralmente, a preocupação de ligar levantamentos empíricos e desenvolvimentos teóricos. Tanto quanto me é permitido fazer um balanço (que era, obviamente, muito regularmente estabelecido em seminários e encontros acadêmicos), parece-me que este trabalho foi produtivo: não só derivações generalizantes ou excessos metafóricos foram evitados ou marginalizados, mas também os empréstimos conceituais, maciços nos primeiros momentos, foram digeridos e integrados em favor de uma teoria progressiva, de médio alcance, ainda que de pouca presença no cenário da mídia (porque ainda não é capaz de fornecer uma resposta simples e inequívoca a perguntas como: Será que a televisão faz as eleições? As TICs instituem a individualização e crescente isolamento do eu? O consumo de mídia é um perigo?), além de sustentar ativamente a formação universitária que se demanda.

Sem dúvida, essa produção teórica se apresenta como explodida (em campos e áreas muitas vezes separados), diversificada (em termos de inspirações teóricas) e sempre sob a pressão de propostas no âmbito, de fato, do ensaísmo. Mas também fez um progresso constante na formalização de seus objetos de investigação, em particular em duas dimensões que a constituem, a informação e a comunicação.

Assim, embora possa parecer paradoxal, sou levado a concluir que os empréstimos, atualmente, referem-se mais a metodologias do que aos conceitos. Se as CICs “naturalizaram” muitos dos conceitos que usamos e que se origi-

nam nas transferências de outras disciplinas (e, na verdade, procuram assim dar sentido à informação, por meio da implantação do conceito, o que não é o caso para a maioria da pesquisa em ciências econômicas e informática), ainda importam uma grande parte do arsenal de métodos e técnicas de pesquisa de outras ciências humanas e sociais, fazendo “bricolagens” de complementaridades: especialmente entre análises do discurso e as investigações sociológicas. Porém, recentes propostas de metodologias específicas (por exemplo, o estudo de espaços de comunicação utilizando a semiopragmática, ou a análise da web na perspectiva comunicacional) mostram que mesmo empréstimos metodológicos tendem a não ser unilaterais.

A adoção do saber de especialistas e leigos

Antes de explicar no que consiste hoje o intercâmbio de conhecimentos entre as CICs e as principais ciências humanas e sociais, é necessário se concentrar em suas relações com especialistas e leigos do conhecimento, a partir do que sempre designamos como o *pensamento comunicacional*.

O pensamento comunicacional participa, com efeito, tanto do pensamento especulativo e da produção científica quanto da experiência profissional; geralmente, ou extrapola divisões disciplinares existentes ou se trata de especialistas formados em suas disciplinas de origem. Articula as reflexões desses novos especialistas e as provenientes de alguns profissionais (engenheiros de rede, anunciantes, jornalistas, agentes de comunicação, especialistas de “business intelligence”, projetistas de aplicações...). Está atento às mudanças nas políticas de Estado, estratégias profissionais, técnicas utilizadas e práticas dos agentes sociais. É profundamente evolutivo ao longo do tempo e varia entre os países, e, desde o início dos anos oitenta, está largamente distribuído para além de especialistas, ao ponto de por vezes ser transformado em ideologia. O *status* deste pensamento comunicacional ainda é profundamente incerto. É, ao mesmo tempo, organizador de práticas científicas, reflexivas ou profissionais; resposta a pedidos de estados e grandes organizações e inspirador de mudanças nessas organizações; enfim, em sua origem está seu permanente ajuste às mudanças nas práticas culturais ou de difusão e aquisição de conhecimentos. Pensamento da modernidade, necessário para facilitar a modernização das estruturas sociais, o pensamento comunicacional é mais frequentemente considerado um valor em si mesmo (a evocação de comunicação às vezes é o suficiente para fazer uma espécie de profecia autorrealizável), mas é também – ou simultaneamente – criticado em nome da defesa da arte, ou por sua propensão para produzir consenso, ou exclusões que ele dissimula.

Em que um pensamento que não corresponde a métodos e modalidades de pensamento científico acadêmico

pode ser a base para novas abordagens, com a intenção de refletir as mudanças na sociedade moderna? Três aspectos desse pensamento parecem iluminar este paradoxo:

- A sua estreita associação com ações sociais em empresas industriais dominantes (estratégias públicas e privadas, as competências profissionais, comportamento do consumidor...) e perguntas feitas a partir de posições de especialistas em mediação cultural e de transferência de conhecimento;
- Sua transversalidade, isto é, a sua propensão para fazer articulações entre os campos separados. Se realmente deve-se ser crítico sobre a possibilidade de uma problemática fecundar o conjunto dos saberes, por outro, as abordagens que ligam campos separados permitem estudar alterações em curso, acentuando mediações que demonstram sua relevância e pertinência;
- Sua capacidade, como já mencionado, de vincular questões de diferentes perspectivas teóricas.

O pensamento comunicacional integra, assim, saber profissional e especialista (isso não é original, pois é o caso do pensamento econômico por um longo tempo), mas também conhecimento leigo, especialmente valorizado desde o advento das TICs, que abriu o caminho para os *hackers* e agora usuários-consumidores que participam no desenvolvimento de produtos. A questão é saber como a pesquisa em informação-comunicação pode dar conta, sem sacrifício, desses *booms* e modismos impensados, sobretudo, pela mudança para um espaço-tempo que satisfaça os requisitos da pesquisa.

Uma circulação pluridirecionada

Seria uma operação difícil e provavelmente não muito significativa tentar fazer uma matriz de trocas entre as CICs e outras disciplinas (principalmente dentro das ciências humanas e sociais). Para ficar com o presente, só podemos indicar tendências, sublinhando que o saldo global pode ser enganoso por causa da crescente importância das “especialidades”, algumas vezes atuando como subdisciplinas (exemplo, diferenciando ciência da informação e comunicação organizacional). Disso reteremos as seguintes tendências que abordamos a seguir.

Em algumas disciplinas, as transferências se tornaram escassas, embora isso parecesse bom num primeiro momento. Este é particularmente o caso das relações de troca com as ciências lógico-matemáticas, por um lado, com a psicologia comportamental e até mesmo a psicologia social, por outro. O deslocamento é bastante surpreendente. O uso de ferramentas e raciocínio lógico-formal está muito aquém do esperado por autores pioneiros como A. Moles; e até mesmo os estudos sobre processos de

informação (biblioteconomia, informação profissional e científica), agora menos focados no desenvolvimento de sistemas de comunicação homem-máquina, abandonam o uso do raciocínio formal. Quanto à psicologia, em última análise, se não é propícia para a cooperação intercientífica, se ainda interessa a alguns profissionais de comunicação (olhando, por exemplo, “efeitos” de exposição à mídia televisiva, ou na análise das implicações das estratégias de comunicação interna), não ocupa mais do que uma parte muito pequena de todo o trabalho. Como explicar esse refluxo? Numa primeira análise, decorre de uma proeminência e avanço das trocas com as ciências da sociedade (sociologia, ciência política, estudos culturais, história e, em menor medida, economia e ciências jurídicas), uma tendência que não era previsível, pois, até o início dos anos oitenta, essas disciplinas (seus conceitos e seus métodos) foram quase inteiramente negligenciadas nas CICs. Mas, mais profundamente, é especialmente a crescente importância das abordagens de pesquisa voltadas para o desenvolvimento de proposições teóricas comprovadas pela análise de *corpus* ou coleta de dados (das pesquisas) que explica esta tendência. O trabalho das CICs, enfocando a comunicação em processo (o surgimento de novas ferramentas de mídia, o desenvolvimento da ação comunicacional “organizada” em todos os campos sociais), reforçou essa característica. Outra característica essencial se soma a isso: a recusa dos pesquisadores das CICs de desempenhar um papel de provedores de conhecimento (imediatos) para promover o desenvolvimento de TICs; com as CICs, o mal-entendido é recorrente e as incompreensões persistentes: as transferências são quase inexistentes, pois as CICs se recusam a ser apenas auxiliares na concepção de produtos que incorporem novas tecnologias.

Com algumas outras disciplinas, as transferências são raras, ou pelo menos de uma maneira. Essas disciplinas têm recentemente se voltado para a informação e comunicação, o que, anteriormente, negligenciaram, e aplicam seus conceitos e métodos muitas vezes sem levar em conta as características específicas desses objetos, ignorando a contribuição potencial das CICs, enquanto que essas buscam de sua parte integrar interrogações e formulações saídas delas. As ciências jurídicas e as ciências econômicas se enquadram nesta categoria, e com elas, apesar da diversidade das suas abordagens (especialmente no caso da economia), a cooperação é difícil. O fato de terem se implantado antes nas universidades bem como competições intrauniversitárias são fatores a serem considerados; a ignorância multidecenal que tiveram em relação à informação e comunicação as leva a uma postura fechada a perspectivas diferentes, forjadas fora delas. Mas, muitas vezes, elas se contentam em simplesmente reproduzir esquemas previamente testados (por exemplo, a análise da informação e comunicação simplesmente consideradas como serviços intangíveis) ou não entendem a importân-

cia de um elemento tão fundamental como a industrialização de informação (e da cultura) para a qual as CICs chamaram a atenção.

Há, também, disciplinas em que a ignorância é comum (e, portanto, as transferências são limitadas), mesmo que o objeto seja aparentemente idêntico. Isso se observa sobre a comunicação organizacional, que está entre a ciência da administração e as CICs. Embora este “domínio”, muito importante, tanto profissionalmente como em termos de formação, seja na Grã-Bretanha ligado ao primeiro, na França depende essencialmente da segunda perspectiva, de forma mais reflexiva que operacional, e voltada para o desenvolvimento de ferramentas de gestão. Com a ciência política, e em particular sobre a comunicação política e dispositivos de comunicação, a cooperação é mais frequente, mas as perspectivas são significativamente diferentes e tendem a se diferenciar mais, inclusive sobre a análise dos meios de comunicação social ou sobre as novas mídias: fóruns, *blogs*, *web 2.0*, etc., de modo que, gradualmente, cada disciplina tem vindo a definir os seus próprios objetivos de investigação, que operam em paralelo, sem sobreposição, e as transferências são relativamente raras de uma para a outra. Um exemplo é a questão do espaço público: à abordagem clássica de esfera pública política, seguindo a filosofia kantiana, e que os cientistas políticos utilizam mais ou menos, foi recentemente adicionada a proposta de um espaço público societal, analisado por pesquisadores das CICs e sociólogos, que renova os locais de abordagem de mediação entre aparelhos públicos e dispositivos de expressão pública, não fazendo da política um lugar ou um momento de passagem obrigatória.

Finalmente, há disciplinas em que as transferências são mais comuns e não ocorrem em uma direção; estamos lidando menos com coexistências, e mais com cooperações e intercâmbios. Assim é com certas sociologias “setoriais”: sociologia da cultura e das práticas culturais, sociologia da mídia, sociologia da inovação técnica, etc. ou com as ciências da linguagem e do discurso.

Com os primeiros, a frequência de trocas impede a distinção progressiva de abordagens, e em termos de muitos estudos sociológicos sobre os usos das TICs, as CICs tendem a posicionar mais e mais os usos perante o ciclo produção-distribuição-consumo e mudanças de longa duração, enquanto os estudos sociológicos colocam o acento, por vezes, exclusivamente em fenômenos de sociabilidade. Da mesma forma, no caso das CICs, as mudanças nas práticas culturais são colocadas em relação com as mudanças dos meios e também das mediações.

Com os segundos, mal-entendidos ou erros não faltam: ou as teorias linguísticas ocupam toda a centralidade devido a uma concepção geral de comunicação, de toda a comunicação; ou abordagens comunicacionais têm uma propensão a instrumentalizar para suas próprias necessidades a análise do discurso.

Essas relações, parece-me, melhoraram. Uma situação interessante é a das pesquisas históricas sobre a mídia e comunicação. Não só elas estão a fazer progressos por iniciativa de pesquisadores de uma ou outra das duas comunidades científicas (História e CICs) e resultar em crescimento das trocas (através de revistas e conferências). Mas elas estão começando, uma parte dentre elas, a evitar divisões muito óbvias (história da imprensa, rádio, etc.) e não muito significativas, e passaram a tentar entender o papel da mídia e estratégias de comunicação em um determinado período histórico (com limites que se põem pela ausência de fontes, respondendo a esses questionamentos).

O aspecto histórico é importante nas CICs e ajuda a se livrar das visões também localizadas no presente ou muito facilmente antecipatórias, evidenciando o peso crescente da comunicação e dos meios de comunicação a partir de meados do século XX. Quanto às relações com a filosofia, elas dependem dos temas considerados: e as discussões são mais produtivas com as filosofias da técnica do que com as filosofias da pós-modernidade, provavelmente porque essas são inclinadas a propor interpretações gerais elaboradas sem qualquer pesquisa de validação empírica, especialmente porque essas produções dão origem a um fluxo de ideias segundo modalidades e cenários que lembram o ensaísmo.

Interferências e confluências

Ao longo de sua curta história, as CICs tiveram de enfrentar e se destacar perante produções discursivas que circulam principalmente no que poderia ser chamado de cena midiática semierudita (isto é, em parte científica, conceitual e metodologicamente). O vetor dessas produções geralmente consiste de obras com pretensão reflexiva, propostas por autores de diversas formações (professores universitários, jornalistas, consultores, peritos), que tiveram um certo sucesso em sua difusão e, muitas vezes, provêm da produção editorial anglo-americana.

A característica dessas obras, apoiadas por campanhas de publicidade segmentada e apresentações em programas literários na televisão e no rádio, é alimentar a reflexão de diferentes categorias de tomadores de decisão e “intelectuais de conhecimento prático” (como os denominou Jean-Paul Sartre), professores do ensino secundário, por exemplo, para os quais muitas vezes se constituem na única entrada reflexiva sobre as questões relativas à informação e à comunicação.

Este pensamento, em parte duto, é renovado regularmente, e, no campo das ideias, entra em concorrência direta com o trabalho realizado por pesquisadores da informação-comunicação, na maioria das vezes uma concorrência desigual, e em vários aspectos: 1) universitários, destacando a sua qualidade de formação universitária, participam dos debates sem ser necessariamente pesqui-

sadores sobre temas em discussão; 2) os discursos de autoridade, procedendo por generalizações, são ainda mais difíceis de desconstruir por aquilo que pode ser oposto a eles, ou seja, o científico, abrangem um âmbito mais amplo e estão sempre à espera de estudos prospectivos; 3) as próprias comunidades acadêmicas (se não os próprios pesquisadores, mas alunos e colegas de outras especialidades) são afetadas por esta classe de obras, passando por dificuldades (compreensíveis) para fazer as distinções necessárias; e 4) a pretensão de validade das produções científicas não pode ser equiparada a um dogma, deve, a cada vez, colocar-se em testes e provas, e submeter-se às discussões, acadêmicas e outras.

Que tais interferências podem ser encontradas em outras áreas do conhecimento é um truísmo. Mas elas são especialmente prevalentes e persistentes ... na área de intervenção das CICs, registro de observação, reforçado pela natureza multissemântica dos próprios termos de informação e comunicação, que permite interpretações triviais misturando níveis de significação. Em qualquer caso, as propostas que circulam nesta cena midiática semierudita são mais facilmente recebidas pelos leitores (e ao mesmo tempo forte consumidores de TICs), pois eles não são muito sensíveis às implicações socioeconômicas e socioculturais dos argumentos apresentados e se abastecem de suas percepções e conhecimentos imediatos para avaliá-los.

A simples menção de alguns temas que ocuparam a cena nas últimas duas décadas é o suficiente para mostrar as apostas de qualquer tipo que se expressam: sociedade da informação (e outras frases vizinhas: sociedade da comunicação, era da informação); convergência entre as redes, ferramentas e conteúdo; o acesso; a contribuição; criatividade e as indústrias criativas, etc.

Cada vez, a atratividade desses temas mobiliza a crítica argumentativa da crítica universitária, sem que essa tenha os meios para fazer valer suficientemente os argumentos pertinentes para lhe fazer frente. Há como que uma porosidade entre diferentes tipos de conhecimento e uma disciplina como as CICs (mas isso é certamente o caso com outras ciências humanas e sociais), e, se os cientistas ganham em credibilidade, ainda há muito que fazer para melhorar o seu reconhecimento.

Referências

- BOURE, Robert. 2006. L'histoire des sciences de l'information et de la communication. *Questions de Communication* [online], 10. Disponível em: 01 dez. 2006; acessado em: 20 jun. 2015. URL: <http://questionsdecommunication.revues.org/7718>.
- MIÈGE, Bernard. 2009. O pensamento comunicacional na contemporaneidade. *Libero*, São Paulo, 12(23):9-18, jun.

Artigo enviado em 15/06/2014.